

Sup. Lit. Est. S. Pa. 30. 9, 1967

Título: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. São Paulo, Companhia Editôra Nacional e Editôra da Universidade de São Paulo, 1967, 305 págs.

Autor: Francisco da Silva Borba, Licenciado em Letras Clássicas, Curso de Pós-Graduação na Sorbonne com A. Martinet, Professor de Lingüística na FFCL de Araraquara.

Assunto: o livro destina-se aos alunos de Lingüística, disciplina recentemente introduzida em nossos Cursos de Letras. A economia da obra se ressent de dessa finalidade: Primeira Parte: Generalidades (objetivos dos estudos lingüísticos, História da Lingüística, a Lingüística, a língua, as línguas do mundo, a Lingüística Histórica, Métodos lingüísticos). Segunda Parte: Estrutura da Linguagem (Fonética, Morfologia, Sintaxe, Léxico). Um vocabulário de termos lingüísticos, uma relação de autores citados e a Bibliografia ~~xxxx~~ utilizada cerram o volume.

Apreciação: O trabalho do Prof. Borba veio enriquecer a escassa biblioteca em língua portuguesa de que dispõem os estudantes de Lingüística: recordem-se a publicação pioneira de J. Mattoso Câmara Jr., Princípios de Lingüística Geral, hoje na quarta edição, e a Teoria da Linguagem de J.G.Herculano de Carvalho, cujo primeiro volume saiu em Coimbra, em maio dêste ano (a publicação, em fascículos, iniciara-se no ano passado).

Cada um dêsses livros representa um ponto de vista sôbre a tarefa do professor de Lingüística: elucidar a estrutura da linguagem, atacar os pressupostos teóricos que estão por trás dos níveis lingüísticos. F.S.Borba afinou mais com a primeira orientação, acrescentando porém uma breve história da Lingüística.

Esta Introdução terá certamente muitas edições, e é por isso mesmo que nos propomos apresentar-lhe alguns reparos, não sem antes ressaltar o valor da contribuição do A., que soube manter-se numa linha de sobriedade condizente com seus objetivos.

Faremos observações à estrutura do livro, à doutrina exposta e a questões menores.

Na primeira parte, após esclarecer os objetivos dos estudos lingüísticos, o A. passa a historiar e a caracterizar a Lingüística, para somente após examinar seu objeto, a língua. O procedimento criou-lhe alguns embaraços: para conceituar a Lingüística precisou em longo parêntese definir a língua (pp. 36-42), antecipando uma matéria que faltou depois no capítulo próprio; de outro lado, as informações de caráter histórico ficaram disseminadas em diferentes locais: caps. II e III (entre pp. 45-48).

Teria sido melhor indicar os atributos da língua, mostrando como as principais direções da ciência voltam-se em geral para a apreensão desses atributos. E para a História da Lingüística a ordenação de M. Leroy, citado na bibliografia, afigura-se-nos mais clara.

A distribuição do material gramatical em "morfemas, instrumentos gramaticais, classes de palavras, alternâncias, adição de elementos variáveis e ordem das palavras" (p. 53) pode trazer alguma confusão, pois os instrumentos gramaticais, as alternâncias e os elementos variáveis são tipos de morfema, como se ensina à p. 200.

Alguns reparos podem ser feitos aos capítulos consagrados à Morfologia e à Sintaxe. A organização do primeiro destes capítulos, conquanto corresponda em linhas gerais à visão tradicional da matéria (morfema, classes de palavras, categorias gramaticais e línguas flexivas), traz o inconveniente de agrupar planos lingüísticos distintos. Proporíamos que todo o material aqui reunido fôsse redistribuído, por amor da clareza. Sabe-se que a linguagem humana comporta dois planos em correspondência, o das idéias (plano do conteúdo) e o das formas (plano da expressão). No primeiro tem as idéias e as relações ou categorias, representadas no segundo pelos semantemas (estudados em seus diferentes aspectos pelas disciplinas lexicológicas), pelos morfemas (= Morfologia) e pelos sintagmas (= Sintaxe). Os morfemas


compreendem duas classes: a) morfemas segmentais (p. 197), subdivididos em morfemas-vocábulos (verbos auxiliares, instrumentos gramaticais, etc.) morfemas-afixos (infixos e desinências), morfemas de alternância e morfemas-zero; b) morfemas supra-segmentais, compreendendo o acento, as pausas, a entonação.

No cap. da Sintaxe tratou-se dos processos sintáticos, estrutura da frase, frase nominal e frase verbal, período; omitiu-se a sintaxe da palavra. Uma ordenação que nos parece muito clara é a que parte do que é o sintagma, definido segundo a Escola de Praga (v. J. Vachek - Dictionnaire de Linguistique de l'École de Prague, 1960).

À p. 150 omite o Atlas Lingüístico da Península Ibérica, cuja publicação começou em 1962; ao referir-se à Geografia Lingüística, nada disse sobre a Onomasiologia, um de seus produtos mais fecundos; "casarão e belíssimo" não são "fenômenos irmãos" (p. 210): num caso indica-se tamanho, noutra intensidade, tanto é certo que não há graus em substantivos; a compreensão do modo verbal ("virtualmente um aspecto", pp. 218, 215 e 249) é altamente objetável; a discussão sobre a posição da Semântica na Lingüística atual sairia grandemente enriquecida se se tivesse utilizado Kurt Baldinger, La Semasiología.

Estas observações em nada desmerecem o trabalho do Prof. Borba, publicado na feliz ocasião em que se intensifica em nosso país o interesse pela Lingüística. É pensando precisamente nessa circunstância que sugeriríamos para uma próxima edição: 1) na primeira parte, acrescentar uma orientação bibliográfica que informasse sobre dicionários de terminologia, manuais de iniciação e repertórios bibliográficos, e apontar as direções da incipiente pesquisa lingüística no Brasil. É matéria que vem sendo debatida ultimamente: Arnon Dall'Igna Rodrigues, "Tarefas da Lingüística no Brasil", Estudos Lingüísticos 1 (1966); F. Gomes de Mattos, "Bibliografia Mínima para Professores de Lingüística em Faculdades de Filosofia" e, do autor desta resenha, "A Cadeira de Lingüística no Curso de Letras", Alfa 7/8 (1965); 2) dada a escassez de bi-

bliografia especializada no Brasil, acrescentar um apêndice com a tradução de textos fundamentais sobre as questões examinadas. Serviria de excelente ponto de partida para seminários e debates.



Ataliba T. de Castilho